

ECOS DO BRASIL EM O PÊNDULO DE FOUCAULT[✓]

126

Margareth Torres de Alencar COSTA¹
Sara Regina de Oliveira LIMA²
Maria do Desterro da Conceição SILVA³

[✓] Artigo recebido em 25 de abril de 2017 e aprovado em 04 de outubro de 2017.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2013). Professora permanente da Universidade Estadual do Piauí e do PPGEL da Universidade Federal do Piauí. Líder do núcleo de estudos hispânicos-nuehis da Universidade Estadual do Piauí. Coordenadora geral do DAAD de Alemão da Universidade Estadual do Piauí. Coordenadora do Programa Institucional LIFE- CCHL-UESPI, Coordenadora da TV UESPI. E-mail: <margazinha2004@yahoo.com.br>

² Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: <saralima.r@hotmail.com>

³ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: <dessilva.letras@gmail.com>

ECOS DO BRASIL EM O PÊNDULO DE FOUCAULT

ECHOES FROM BRASIL IN FOUCAULT'S PENDULUM

RESUMO

O Pêndulo de Foucault foi escrito por Umberto Eco em 1988. Nessa obra, há muitas referências perpassando a narrativa, dentre elas, a história dos Templários, dos Rosa-Cruzes, dos Cabalistas, além de outras seitas religiosas da Idade Antiga e saberes místicos diversos. No entanto, aqui se propõe uma análise sociológica dos aspectos abordados que dizem respeito às religiões afro-brasileiras. Para tanto, segue-se como aporte teórico Gaarder (2005), Gaspar (2004), Eliade (2010), dentre outros que tecem abordagens sobre temas religiosos presentes na discussão deste artigo, além de Lima (2002), que aborda a análise sociológica da literatura. Esta pesquisa, portanto, é de cunho bibliográfico exploratório que, de acordo com Gil (2002), objetiva tornar problemas explícitos por meio do descritivismo. Dessa maneira, a partir das análises feitas e do aparato teórico, notou-se que a forma como a personagem Casaubon relata a sua experiência com o Candomblé e a Umbanda no Brasil, embora haja o entendimento de que se trata de uma ficção, reflete muito sobre a realidade dessas religiões.

Palavras-chave: Candomblé. Umbanda. Literatura.

ABSTRACT

Foucault's Pendulum was written by Umberto Eco in 1988. In this book, there are many references which take part of the narrative, among them the Templars' history, the Rosicrucian, the Cabbalists, as well as other religious sects of the Ancient Times and various mystical knowledge. However, this article proposes a sociological analysis of the points raised concerning the Afro-Brazilian religions. For this purpose, the study takes into account the theoretical contributions of Gaarder (2005), Gaspar (2004), Eliade (2010), and other authors focusing on religious issues and, furthermore, Lima (2002), who deals with the sociological analysis of literature. This research has, therefore, an exploratory bibliographic nature which, according to Gil (2002), aims to elucidate problems through descriptivism. Thus, the analysis and the theoretical apparatus reveal how the character Casaubon relates his experience with Candomblé and Umbanda in Brazil, although this can be considered as fiction, it does reveals a lot about the reality of these religions.

Keywords: Candomblé. Umbanda. Literature.

1 INTRODUÇÃO ou ESTABELECENDO RELAÇÕES: ANÁLISE SOCIOLÓGICA E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

A raça, ou a cultura, se prefere,
constituem parte do nosso inconsciente
Umberto Eco

O *corpus* deste trabalho parte de uma narrativa com traços característicos do escritor Umberto Eco, pois esse filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo produziu uma literatura que busca dialogar com áreas diversificadas. Em **O Pêndulo de Foucault**, por exemplo, podem ser observadas características semióticas e filosóficas relacionadas às religiões afro-brasileiras, às práticas cabalísticas e aos templários. Eco também foi teórico, isso faz com que sua obra literária permaneça numa linha limítrofe entre literatura e realidade. Por isso, analisá-la pelo viés sociológico é uma maneira de demonstrar representações da referida dicotomia, literatura e sociedade.

O Pêndulo de Foucault é um romance que aborda as atribuições de três jovens escritores e pesquisadores que trabalham numa editora cultural, Causabon, Belbo e Diotallevi. Logo os editores começam a pesquisar a fundo seitas religiosas e teorias conspiratórias por trás da história oficial, envolvendo-se em segredos e planos ocultos que lhes trariam sérias consequências para sua própria segurança e vida. Este romance de Umberto Eco é uma obra que reúne uma grande diversidade de práticas religiosas, crenças místicas e esotéricas de tempos e lugares distintos.

Nesta obra, Casaubon é o narrador-personagem que nos mostra uma história envolvendo muitos mistérios, teorias e indagações. Ele é um estudante que está desenvolvendo sua tese e escolhe escrever sobre os Templários, o que transporta para narrativa alguns aspectos densos e complexos sobre mitos e verdades dos lugares onde as personagens estão e o desfecho dos seus diálogos.

A primeira cena apresentada por Eco, na narrativa, é de Casaubon no Museu de Arte em Paris escondido próximo ao pêndulo de Foucault. Neste momento, começa a lembrar de sua trajetória até ali. A personagem, quando estava escrevendo sua tese, conhece um amigo que trabalhava em uma editora na qual

publicava livros sobre ocultismo, teorias da conspiração e templários. Na editora, também trabalhava Diotallevi, que era praticante da Cabala.

Dentre as suas experiências relacionadas ao misticismo, ao ocultismo e às religiosidades, Casaubon vai conhecer o Brasil, em especial dedica-se ao conhecimento das religiões afro-brasileiras: Umbanda e Candomblé. No Brasil, Casaubon observa a mistura entre o mítico advindo da África e as práticas religiosas brasileiras, através dos rituais destas religiões.

Ao voltar à Itália, Casaubon defende sua tese e começa a trabalhar na editora Garamond. Neste trabalho, juntamente com seus amigos Belbo e Diotallevi, passam a escrever um Plano, em que discutem sobre Rosa-cruzes, templários e uma suposta teoria da conspiração. Por conta disso, outras seitas ocultistas passaram a persegui-los com o intuito de encontrar a verdadeira seita que eles haviam criado.

Portanto, através das concepções de que a literatura busca uma representação da sociedade, e que as religiões afro-brasileiras fazem parte de um meio social em que ainda há desconhecimento por alguns brasileiros e ceticismo por outros, o presente trabalho tem por objetivo analisar como essas religiões são apresentadas na sociedade através do romance de Umberto Eco. Para tanto, o suporte teórico para a discussão está fincado nos pensamentos de Candido (2010), uma vez que se trata de uma análise sociocrítica, além de Magnani (1991), Gaarder (2005), Gaspar (2004) e Eliade (2010), autores cujas ideias possibilitam uma compreensão sobre as religiões.

Cabe ressaltar que a análise sociológica é uma tentativa de estabelecer relações entre as artes e a sociedade. Segundo a explicação elaborada por Lima (2002, p. 661), “A análise sociológica da literatura (e da arte) subordina seus objetos ao propósito de entendimento dos mecanismos em operação na sociedade, potencialmente capazes de caracterizá-la”. Assim, essa é voltada para o campo dos discursos e das interpretações de determinada sociedade ou aspecto da mesma. De acordo com o autor, embora esse tipo de análise apresente desvantagens, as vantagens permitem ao crítico, que toma a perspectiva como base, uma articulação entre teorias e concepções sociais, culturais, políticas e ideológicas presentes na obra, concebendo assim, uma análise sociológica do discurso literário.

Ademais, Lima ressalta ainda como “A análise sociológica em geral se caracteriza pela abordagem das condições que mostram como o fato literário se constitui em instituição social” (LIMA, 2002, p. 663). No entanto, não há negação da literatura como uma produção com suas próprias exigências, como por exemplo as especificidades do estilo, nem tampouco esta se torna uma fonte teórica completamente verossímil devido ao caráter ficcional do autor, mas constitui-se uma possibilidade de perceber as condições sociais presentes no texto literário por esse ser uma modalidade de discurso.

É importante trazer para essa reflexão o teórico Antonio Candido, que em sua obra **Literatura e sociedade**, exprime os seus pensamentos sobre a arte no seio social enquanto representação e transposição, sendo as manifestações artísticas inerentes à vida social sem negar a grandeza da atemporalidade e da universalidade, ou seja, na sua função total, pois, como o autor afirma: “A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo” (CANDIDO, 2010, p. 64). Desse modo, para o autor, a literatura, em termos sociológicos, pode ser vista pela análise do gênero e as suas condições sociais, sua representação e sua relação com o público, tendo em vista a função do escritor de acordo com cada gênero.

Para Silva (2005, p. 150), “A relação entre obra literária e sociedade deve ser investigada na estrutura que compõe o texto, não em sua superfície”. Nota-se, que a sociocrítica está relacionada ao estudo da literatura que a aproxima da realidade social, política, cultural, religiosa, étnica, histórica, ideológica e suas complexidades com relação ao corpo social. Nesse sentido, interpretar a obra tendo esses princípios de relações é uma busca a fim de se perceber o que há da linguagem narrativa que possa se referir a esses aspectos relacionais.

Partindo desses pressupostos, a obra que será analisada possui uma relação com a sociedade, porque através da ficção o autor busca uma representação das religiões afro-brasileiras. Elaborando concepções bastante pertinentes sobre seus cultos, ritos, orixás e, principalmente, o sincretismo religioso que perpassa as mesmas. Essas religiões que surgiram no Brasil a partir de 1500, vieram da África com os negros escravizados. A referida população possuía uma rica cultura baseada

na tradição oral, além de religiões em que eram cultuados diferentes deuses (GASPAR, 2004).

As religiões criadas pelos africanos eram baseadas em mitos. Segundo o mitólogo Mircea Eliade (2010, p. 84), “O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo *ab initio*. [...] as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou heróis civilizadores”. A narrativa mítica está relacionada ao sagrado, pois geralmente conta uma história que ocorrera no princípio dos tempos, tendo como objetivo aproximar os seres humanos dos seus antepassados ou buscar explicações para indagações existentes. No momento do transe, por exemplo, há uma reatualização do tempo mítico, em que essas pessoas irão reviver as narrativas míticas de seus deuses através de danças, vestimentas, músicas, etc.

2 FICÇÃO E TEORIA: UMA VISÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM O PÊNDULO DE FOUCAULT

Neste artigo, o recorte para análise parte dos momentos vivenciados por Causabon no Brasil após conhecer Amparo, uma jovem brasileira que estava na Itália, mas em breve voltaria ao seu país acompanhada do narrador-personagem (Casaubon), que por sua vez, consegue uma vaga na Universidade do Rio de Janeiro para ensinar italiano.

Ao chegar ao Brasil, as impressões mais marcantes que ele aborda são a miscigenação do povo brasileiro, os nomes próprios que constituem uma identidade única e as marcas culturais folclóricas nas casas que visitara, além do samba. Sobre a questão dos cultos a divindades africanas as opiniões dos brasileiros eram divergentes:

E aqui os companheiros de Amparo se dividiam, pois para alguns isto demonstrava um retorno às raízes, uma oposição ao mundo dos brancos, enquanto para outros os cultos eram uma droga com a qual as classes dominantes mantinham nas rédeas um imenso potencial revolucionário, sendo que para outros ainda era o crisol em que brancos, índios e negros se fundiam, desenhando perspectivas ainda vagas e de destino incerto. Amparo estava convencida de que as religiões sempre foram em toda a

parte o ópio dos povos e com maior razão ainda o eram os cultos pseudotribais (ECO, 2016, p. 176).

Algumas concepções presentes na obra fazem parte do imaginário brasileiro. Para os adeptos destas manifestações religiosas, suas práticas representam um retorno às raízes ao cultuar as divindades africanas. No entanto, outros já veem isso como algo insignificante ou como alienação religiosa por acreditarem em seus próprios preceitos, uma vez que o Brasil por ser considerado um país laico, admite a existência de várias manifestações religiosas.

Casaubon, a cada descrição de sua viagem, está mais perto de uma face do Brasil que cultua as divindades. O seu primeiro contato, de forma mais específica a estas crenças, foi quando voltara de um seminário e vira as oferendas feitas a Iemanjá, enquanto percorriam a área litorânea, conforme o seguinte trecho: “Na praia à beira da água vi oferendas votivas, velas, colares de flores brancas. Amparo me disse que eram oferendas a Iemanjá, a deusa das águas” (ECO, 2016, p. 177). Embora Amparo não acreditasse naquilo, ela sabia que era verdade, porque a sua avó também costumava fazer oferendas à deusa das águas. Segundo Gaarder (2005, p. 30), a oferenda “É uma retribuição a algo que os deuses proporcionaram, talvez algo pedido anteriormente”. Essas oferendas são realizadas de maneiras diversificadas, uma vez que aquilo que será oferecido é bastante variado, pois, depende do que cada orixá deseja receber.

Após todos os comentários que ouvira e as oferendas que presenciara a Iemanjá, Casaubon decidiu ir à Bahia pela suspeita de que tudo aquilo poderia ser resultado de analogias. Antes, o professor italiano mostra por meio de uma visita às tendas o quanto o misticismo está relacionado a estas religiões, como se apresenta na passagem a seguir:

Pensei na viagem à Bahia, e dediquei uma tarde a visitar barracas de livros e objetos de culto, que até então havia relegado. Encontrei tendinhas quase secretas, e armazéns sobrecarregados de imagens e ídolos. Adquirit perfumadores de Iemanjá, aspersores místicos de pungente perfume, varinhas de incenso, bombas de spray com odor adocicado, de nome Sagrado Coração de Jesus, amuletos de preço convidativo (ECO, 2016, p. 185).

O uso de amuletos, de imagens de santos e demais objetos místicos está bastante presente nas práticas religiosas, principalmente, nas religiões afro-brasileiras. De acordo com Gaspar (2004, p. 227), os amuletos são utilizados “Para garantir proteção contra más influências e para ter algum pedido satisfeito: saúde, trabalho, dinheiro, amor etc. Alguns amuletos são derivados dos fetiches dos orixás: miniaturas de suas ferramentas, búzios etc.”. No entanto, utilizar algum tipo de objeto como forma de proteção não é algo exclusivo das religiões de matrizes africanas, pois no Catolicismo é bastante presente a imagem de santos e de Jesus, que são utilizados, muitas vezes, para proteger aqueles que creem.

O narrador-personagem chega à Bahia de Todos os Santos e a descreve como a “‘Roma negra’, e suas trezentas e sessenta e cinco igrejas alcantiladas na linha das colinas ou pousadas ao longo da baía, onde se cultuam os deuses do panteão africano” (ECO, 2016, p. 187). Certamente, a Bahia foi e é um dos principais estados brasileiros onde se reverencia práticas religiosas e culturas de matrizes africanas. Estas religiões de matrizes africanas eram cultuadas nos porões dos Navios Negreiros e nas senzalas, as quais surgiram da mistura de vários mitos relacionados aos deuses africanos que foram trazidos por escravizados de diversas regiões da África (GASPAR, 2004).

As religiões afro-brasileiras, principalmente o Candomblé e o Iorubá, possuem uma presença marcante no Estado da Bahia, pois foi nesse local onde se concentrou grande número de africanos para a mão-de-obra escravista. Os escravizados eram trazidos de diversas regiões da África, conforme sugere o trecho:

Por isso, enquanto a religião ioruba renasceu e se reorganizou principalmente na Bahia, onde esse povo ficou concentrado, a religião banto foi amalgamada com inúmeros outros elementos, desde os rituais caboclos, até o espiritismo abraçado pelas classes médias urbanas no final do século XIX. Disso resultou uma religião totalmente nova e essencialmente brasileira, a umbanda (GASPAR, 2004, p. 9-10).

Segundo Gaspar (2004), as religiões afro-brasileiras foram influenciadas por povos de origem Banto, Ioruba e Jeje. Pois, os patrões evitavam colocar africanos de uma mesma região em um mesmo ambiente, temendo que esses planejassem alguma fuga. O resultado dessa estratégia dos senhores foi a formação de religiões

com características em comum, provindas de um mesmo continente, mas com rituais e cultos distintos. Portanto, o Candomblé “Desenvolveu-se basicamente na Bahia, onde é mais forte, embora tenha representantes nas outras regiões do país” (GASPAR, 2004, p. 29).

No trecho da obra em que Casaubon e Amparo estão com um sacristão e um artista local, há uma forte menção a uma prática comum feita pelos escravizados que queriam cultuar os seus deuses, mas eram impedidos pela forte presença do Catolicismo trazida pelos portugueses. As personagens ao perguntar de quem se tratava aquele quadro obtiveram como resposta: “Nós o chamamos de São Jorge, e é melhor chamá-lo assim, se não o padre se aborrece, mas é Oxóssi” (ECO, 2016, p. 187). Oxóssi é considerado “O orixá da caça, deus da fauna. [...] sincretismo: são Sebastião e são Jorge” (GARDEER, 2005, p. 316). O sincretismo religioso também é algo característico nessas religiões, porque ao chegarem ao Brasil foi imposto aos africanos a língua portuguesa e a religião cristã. A maneira encontrada para cultuar seus deuses era através do sincretismo, em que o santo católico era associado ao orixá africano:

Ao absorverem os elementos da religião européia imposta pelos colonizadores, os negros e caboclos do Brasil aproveitaram essa face mais benévola, flexível e abrangente, utilizando as figuras do Cristo, da Virgem e dos santos para compor uma religião popular complexa e rica (GASPAR, 2004, p. 11).

As religiões afro-brasileiras são compostas por esse sincretismo, o qual pode ser observado nos terreiros através das imagens de santos do Catolicismo e orixás do Candomblé. Esse sincretismo pode ser visto também como forma de resistência, porque mesmo diante de tantas imposições, os africanos continuaram cultuando seus deuses.

Com o guia, eles vão a um hotel, pois Casaubon haveria de negociar uma obra de arte com Agliè, um homem culto e apaixonado por tradições que aparenta entender bem sobre os ritos afro-brasileiros, mas não apenas desses, visto que ele também sabia muito sobre os Templários e os Rosa-cruzes. Agliè convida-os a ir ao terreiro de Candomblé. Amparo e Casaubon demonstram interesse. Amparo principalmente, por já ter participado de um culto na Umbanda. Agliè faz uma breve

diferenciação do que seria Candomblé e Umbanda, pois Amparo parecia ter confundido. Candomblé seria afro-brasileiro legítimo, por tratar-se de uma religião que possui características de diferentes cultos africanos e de práticas de religiosidade brasileiras, já a segunda, além de possuir algumas das características anteriores, é advinda também de ritos indígenas e da cultura esotérica europeia. Entre Umbanda e Candomblé há diversas distinções, como por exemplo, a possessão:

A pedra angular da umbanda é a comunicação entre a esfera do sobrenatural e o mundo dos homens, através da incorporação das entidades espirituais num corpo de iniciados. [...] Apresentam, no entanto, algumas particularidades que diferenciam daqueles cultos. No candomblé, por exemplo, as entidades – orixás – não são consideradas espíritos de mortos, mas reis, princesas e heróis divinizados que representam forças da natureza [...] cujas as ações se desenrolaram, como no caso dos deuses gregos, num tempo mítico. [...] Na umbanda, as entidades são espíritos de mortos que descem do astral onde habitam para o planeta Terra – considerado lugar de expiação – onde, através da ajuda dos mortais, ascendem em seu processo evolutivo em busca da perfeição (MAGNANI, 1991, p. 30).

A diferença entre essas religiões proposta por Magnani demonstra que são detalhes que promovem a distinção dessas, fazendo com que os leigos as vejam como sinônimos. Por esse motivo, Agliè busca explicar o que há em comum entre essas religiões, para facilitar a compreensão de Casaubon e Amparo, como aponta este parágrafo da obra:

Todos os cultos afro-brasileiros são de qualquer modo caracterizado pelo fato de que durante o rito os iniciados são possuídos, como em transe, por seres superiores. No Candomblé são os orixás, na umbanda, os espíritos dos mortos” (ECO, 2016, p. 196).

Ao contrário do que é propagado por meio da intolerância religiosa, na narrativa, a personagem, anteriormente mencionada, vê os pais e as mães-de-santo como pessoas que carregam grande cultura e sabedoria: “Alguns pais ou mães-de-santo, quando os vemos parecem mal saídos da cabana de pai Tomás, mas têm a cultura de um teólogo da Gregoriana” (ECO, 2016, p. 190). De acordo com Gaspar (2004, p. 48), “Os pais e mães-de-santo (babalorixás e ialorixás) são os mais altos sacerdotes na hierarquia do Candomblé”. Isto é, são pessoas que possuem uma

cultura, um conhecimento sobre essas religiões advindas da tradição oral, cujo saber é necessário para dirigir os cultos.

A ficção revela a tradição da Bahia que não deixa de ser também um Estado híbrido com empréstimo da cultura europeia - como se pode notar na descrição do mercado e dos produtos que são vendidos – surgindo na narrativa de tal forma que o misticismo dos europeus se fundia com a tradição dos escravos, resultando no sincretismo brasileiro.

Em uma visita a um terreiro, eles conhecem uma lalorixá, isto é, uma líder espiritual responsável pelo terreiro, popularmente conhecida como mãe-de-santo. Conhecendo o terreiro, guiados tanto pela lalorixá, quanto pelo Agliè, Casaubon e Amparo têm contato com a comida de santo, máscaras africanas, espaços para os não-iniciados, para os ogãs, assim como, os instrumentos utilizados nos cultos, trazendo a mente do leitor toda uma expressão do que se pode encontrar em um terreiro. As descrições dadas, na obra, têm muito de referências teóricas, pois ao questionar sobre a origem das entidades, o narrador-personagem obtém como resposta:

É uma história complexa. Em primeiro lugar trata-se de um ramo sudanês que se impôs no Norte do Brasil desde os primórdios da escravidão, e desse cepo provém o candomblé dos orixás, ou seja, das divindades africanas. Nos estados do Sul há influência de grupos bantos e a partir daí iniciam mesclas em cadeia. Enquanto os cultos do Norte permanecem fiéis às religiões africanas originárias, no Sul a macumba primitiva evolui em direção da umbanda, por sua vez influenciada pelo catolicismo, o espiritismo e o ocultismo europeus (ECO, 2016, p. 195).

Comumente, no imaginário popular, não há distinção entre as duas religiões, sendo tudo resumido pelo termo pejorativo “macumba”. Contudo, sabe-se, por meio dos estudos de Gaspar, que o Candomblé é uma religião que surgiu, principalmente, na Bahia e advinda do povo ioruba, mas influenciada por outros povos africanos, assim como compreende esta parte da narrativa:

Sua estrutura foi determinada principalmente pela religião do povo ioruba, mas também recebeu influências de povos Daomé e do Congo; entretanto, estas foram incorporadas à base da religião ioruba, cuja organização e culto foram reconstituídos inicialmente quase sem a interferência de elementos cristãos e indígenas (por se terem concentrados os escravos iorubas em uma região restrita e por terem sido trazidos muitos membros das castas

governantes e sacerdotais, que dirigiram o processo de reorganização cultural). Assim, predominaram na Bahia os candomblés chamados de ketu, oió e ijexá, todos de origem ioruba, com pequenas diferenças em alguns aspectos do ritual (GASPAR, 2004, p. 47).

Em relação à origem da Umbanda, sabemos que sua raiz está nos costumes do povo banto, mas que sofrera influências indígenas e europeias. Por meio desse hibridismo, pode-se observar o culto aos caboclos, as giras, aos encantados que se diferenciam do Candomblé. Gaspar ressalta que:

Na região sudeste do Brasil, a contribuição dos povos bantos foi muito importante para a formação das religiões afro-brasileiras. [...] sua religião foi permeável às influências européias e indígenas que a de outros povos africanos, reduzindo-se o uso de certas características do culto original e assumindo importância novas práticas que combinam magia e espiritismo de origem européia, com vestígios da cultura ameríndia (GASPAR, 2004, p. 195-196).

As diferenças entre as duas religiões de matrizes africanas são bem colocadas no livro com a figura do Exu. Na obra, Exu é uma entidade poderosa na Umbanda, que tem o poder de possuir pessoas, mas no Candomblé, ele aparece como um espírito mensageiro. Outra diferença pode ser percebida uma vez que há o culto aos caboclos e aos pretos velhos, espíritos dos mortos cultuados na Umbanda, porém no Candomblé são apenas referenciados, pois esse último cultua os orixás africanos. Sobre a importância de Exu, em ambos os cultos, Prandi afirma que:

Exu é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende de seu papel de mensageiro. Sem ele orixás e humanos não podem se comunicar. Também chamado Legba, Bará e Eleguá, sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica. Na época dos primeiros contatos missionários cristãos com os iorubas na África, Exu foi grosseiramente identificado pelos europeus com o diabo e ele carrega esse fardo até o dia de hoje (PRANDI, 2001, p. 20-21).

No entanto, pode-se afirmar que além da presença de Exu na Umbanda e no Candomblé, o que há em comum entre essas religiões é o transe, os ritos iniciáticos, a possessão dos adeptos por seres superiores, sendo no Candomblé pelos orixás e na Umbanda pelos espíritos dos mortos.

Ademais, o que se pode estabelecer entre as religiões afro-brasileiras analisadas é a identidade do povo negro e o resgate da tradição por eles manifestada através das práticas de religiosidade. Conforme o autor manifesta que: “Os escravos se tornam formalmente livres, mas sem passado. E procuram então reconstruir uma identidade coletiva, à falta daquela família. Voltam às raízes” (ECO, 2016, p. 196). Dialogando com Gaspar, pode-se perceber que essa ficção traz ecos de realidade, pois as religiões afro-brasileiras apresentam uma narrativa mítica que pode ser vista, também, como símbolo de resistência:

Na África, o orixá era ancestral mítico protetor de uma aldeia de todas as suas famílias e, portanto, de todas as pessoas que ali nascessem. No Brasil, como os escravos tiveram seus grupos familiares despedaçados, precisaram reconstituir seus laços com os deuses (GASPAR, 2004, p. 50).

Ao ter contato com a lalorixá, Casaubon pode perceber os motivos pelos quais essas mulheres representam uma força cultural em Salvador. A influência da mulher, para formação e repercussão das religiões de matrizes africanas, está relacionada ao fato de que ao conseguirem a alforria, essas mulheres procuraram se tornar independentes, principalmente, através da gastronomia. Porque haviam trabalhado como cozinheiras na casa dos senhores. A independência financeira contribuiu para que elas comprassem a alforria dos esposos e construíssem seus terreiros. Segundo Cavas e Neto:

Os primeiros terreiros de candomblé na Bahia foram fundados por mulheres negras. A África “imaginada” foi aqui recriada através deste mundo mítico-religioso, tendo as mulheres negras e suas descendentes, grande importância neste processo. Na figura das mães-de-santo elas representavam uma resistência à opressão branca. Estas mulheres tiveram um papel fundamental na reorganização destes grupos, na reconfiguração das antigas relações de domínio colonial, resgatando a memória ancestral africana, rituais, danças, língua e histórias sagradas e assim contribuindo para a formação de uma identidade afro-brasileira. Os terreiros tornaram-se espaços de reagrupamento destas comunidades diaspóricas (CAVAS; NETO, 2013, p. 2).

No romance, o narrador-personagem observa que as casas de culto possuem toda uma simbologia de cores, como por exemplo, branco para Oxalá e azul para Iemanjá, e seus significados, ou ainda, as linhas para a Umbanda. Curiosamente,

antes de comer a comida de santo, Casaubon descobre pela leitura que é feita de sua mão, ser filho de Oxalá. Expressão pela qual se acredita no Candomblé dado pela voz da mãe-de-santo: “Justamente, nos disse a lalorixá, porque cada um de nós, sem o saber, era filho de um orixá, e quase sempre se podia dizer de qual” (ECO, 2016, p. 202). Do mesmo modo, que os candomblecistas são filhos de santos ou tornam-se pais-de-santo, explica-se a expressão “povo de santo”, pois a cada um é dada uma cobertura de um santo, um orixá.

Casaubon, que conheceu o terreiro por meio de Agliè, é convidado por ele a assistir um rito de Umbanda onde há possessões dos iniciados pelos eguns, Exus e Pombas Giras. As possessões desses seres só são possíveis na Umbanda, pois nela há os espíritos dos mortos. No caso dos Exus e Pombas Giras não são cultuados em todos os terreiros, por serem considerados “espíritos das trevas” e no sincretismo religioso são associados ao Diabo. Em relação à Umbanda, a personagem Agliè acrescenta que:

Na umbanda os orixás africanos permanecem ao fundo, já agora inteiramente sincretizados com os santos católicos, e apenas estas entidades intervêm. São eles que produzem o transe: um médium, o cavalo, a certo ponto da dança percebe ter sido penetrado por uma entidade superior e perde a consciência de si. Dança sem parar, até que a entidade ou divindade o tenha abandonado, quando se sentirá melhor, mais limpo, “purificado” (ECO, 2016, p. 223-224).

Agliè explica para Amparo e para o narrador-personagem como se dá o transe. Nesse caso, o cavalo⁴ ou o médium é um iniciado que dança no terreiro, formando um círculo, ao som de instrumentos de percussão, tais como a conga, o atabaque, os tambores, agogôs, dentre outros. O transe é um rito de reatualização, que aproxima as pessoas de suas divindades, por meio de um processo espiritual de purificação e que também tem o intuito de ajudar as outras pessoas que buscam conselhos espirituais.

Sobre o momento do transe, Do Carmo (1987, p. 21) ressalta que é o “Momento em que a divindade baixa no terreiro, incorporando nas pessoas iniciadas. É a hora em que o homem se confunde com os deuses. O orixá está na terra, no

⁴Aquele que recebe o espírito/entidade no momento do transe. Essas pessoas também são chamadas de médium.

corpo de um homem, para receber homenagens e trazer a energia da natureza”. O momento do transe é muito importante nas religiões afro-brasileiras, porque é nesse momento que o iniciado vai reatualizar a história vivida pelo seu orixá ou egum, seja fumando um cachimbo, cantando, dançando ou até mesmo vestindo roupas que o represente.

O que despertou a atenção de Casaubon no terreiro, além dos lugares e da organização que se dava aos momentos do rito, foi o altar cujo sincretismo advinha da religião católica, porque havia a imagem de vários santos.

O altar logo me chamou a atenção: pretos velhos, caboclos com penas multicores, santos que podiam parecer de pão de açúcar, não fosse por suas dimensões pantagruélicas, São Jorge com a couraça cintilante e o manto escarlate, os santos Cosme e Damião, uma Virgem trespasada de espadas, e um Cristo despudoradamente hiper-realista, com os braços abertos como o redentor do Corcovado, mas a cores (ECO, 2016, p. 224-225).

Logo, percebe-se o hibridismo religioso da Umbanda, estando presente nessa religião, os orixás, na maioria das vezes, representados sincreticamente por meio de santos, como São Jorge, São Cosme e Damião, e Jesus Cristo. No caso da Umbanda, há uma relação com aquilo que é praticado pelo Catolicismo popular. Sobre essa amálgama existente nas religiões, Gaspar afirma:

Foi essa tradição religiosa popular que recebemos dos degredados e dos aventureiros portugueses que começaram a povoar o Brasil-colônia desde o século XVI. Hoje em dia, encontramos as crenças e as práticas do catolicismo popular, tanto em seu estado mais puro, entre os devotos católicos, como mais ou menos misturadas com traços de outras religiões de origens africana e ameríndia (GASPAR, 2004, p. 26).

Esse diálogo, entre o Catolicismo e as religiões de matrizes africanas, está presente de forma variada na Umbanda, pois há uma relação entre ambos no ponto cantado que faz parte das religiões afro-brasileiras. Na Umbanda, é determinado que “O ponto cantado corresponde à oração do Catolicismo e ao mantra do hinduísmo, tendo inclusive semelhanças com estas orações quanto ao que dizem sobre as divindades e como os fiéis as vêem” (GASPAR, 2004, p. 217).

Na narrativa, junto ao atabaque, a música entoada pelos iniciados convida os espíritos cultuados a fazerem parte do rito: “Seu Tranco-Ruas é Ajo juba! É Mojuba,

é Mojuba! Sete Encruzilhadas é Mojuba! É Mojuba, é jujo uha! Seu Marabé é Juiojuba! Seu Tiriri, é Mojuba! Exu Veludo, é Mojuba! A Pomba Gira é Mojuba!” (ECO, 2016, p. 225). Essa prática evidenciada na narrativa pode ser observada nos terreiros de Umbanda. Ademais, nessa invocação é possível perceber que os Exus e as Pombas Giras estão sendo cultuados.

Observando o terreiro, Casaubon percebe que a maioria dos adeptos da religião são mulheres, as filhas-de-santo que recebem os espíritos baiando⁵. Embora, não sejam apenas elas, pois há aqueles que recebem o encantado/egum independentemente do sexo, assim como, há os que não conseguem passar pelo momento do transe. Curiosamente, aqueles que passam pelo transe, adquirem características parecidas com a do espírito que o possuía. Na narrativa são apontadas pelo movimento e a postura dos corpos dos cavalos, o semblante do rosto ou até mesmo os balbucios. Um exemplo instigante, na narrativa, é o de uma personagem europeia que há vários anos vinha tentando, de maneira frustrada a experiência do transe, diferentemente de Amparo, que no primeiro rito já recebera a Pomba Gira.

No entanto, as experiências de Casaubon e Amparo ao acompanharem o culto nessas duas religiões, foram essenciais para que através da ficção o leitor pudesse observar as similaridades e discrepâncias entre elas. A possessão de Amparo pode ser analisada como, apesar do ceticismo existente, essas religiões podem prevalecer e demonstrar sua resistência. Além de evidenciar que o brasileiro possui em suas entranhas uma aproximação com a África e, principalmente, com as religiões de matrizes africanas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pêndulo de Foucault é um romance que perpassa diversos saberes ficcionalizados sobre religiões, ocultismo, seitas, dentre outros. Nas travessias da personagem Casaubon, em busca de concluir a sua tese e viver experiências

⁵Refere-se ao movimento feito pelos iniciados no momento do transe. Geralmente ficam dançando em forma de círculo.

acadêmicas no Brasil, ele se depara com a cultura, as tradições e as religiões de parte da população brasileira, representadas em um recorte da obra.

Neste artigo, buscou-se uma análise sociológica das religiões afro-brasileiras por meio da ficção, apontando como Umberto Eco traça um paralelo entre literatura e sociedade. É possível perceber que o olhar do narrador-personagem em relação a essas religiões é de alguém que, além de não as conhecer, tem certo ceticismo em relação a elas, assim como sua namorada, que era brasileira, e também mostrava incredulidade em relação a essas religiões. Embora Amparo viesse de uma família que possuía práticas religiosas similares aos cultos de matrizes africanas, Casaubon, mesmo sendo europeu e estando em um contexto exterior a essa realidade, parecia estar mais aberto às experiências do que a personagem brasileira.

O conhecimento de Agliè sobre essas religiões é bastante singular, pois parte mais uma vez do olhar do europeu sobre algo que surge da mistura entre África e Brasil. As observações propostas por Agliè sobre todos os elementos sincréticos que compõem essas religiões, e suas distinções feitas entre Umbanda e Candomblé são importantes, porque dialogam com o que os teóricos abordam. Mostrando, dessa forma, uma ficção permeada por representações da realidade.

Dessa forma, **O Pêndulo de Foucault** contribui para que através da literatura se possa perceber o olhar e o conhecimento do europeu em relação às religiões afro-brasileiras, podendo assim ser criticado, analisado, além de abordar um diálogo entre literatura e sociedade.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CAVAS, Cláudio de São Thiago.; NETO, Maria Inácia D'ávila. **A Diáspora negra**: Como as mulheres recriaram através da religião a África "imaginada" no Brasil de Todos os Santos. Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis - SC, 2013. Disponível em:
<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373318466_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETO-FazendoGenero10-ClaudioCavas.pdf> Acesso em: 20/07/2016.

142

DO CARMO, João Clodomiro. **O que é candomblé**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ECO, Umberto. **O Pêndulo de Foucault**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

ELIADE, Micea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GAARDER, Jostein. *et al.* **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GASPAR, Eneida Duarte. **Guia das religiões populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Luiz Costa. Análise sociológica da Literatura. In: _____. **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 661 – 688.

MAGNANI, João Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005.